

# EDUCAÇÃO SEXUAL: as motivações a partir do gênero dos jovens

Alana Santos Oliveira<sup>01</sup>  
Ana Lucia Barreto da Fonseca<sup>02</sup>  
Janaíara dos Santos Carneiro<sup>03</sup>  
Luana Oliveira Soares<sup>04</sup>  
Tainá de Andrade Lima<sup>05</sup>

## RESUMO

O comportamento sexual é um dos mais complexos aspectos da condição humana, se associado as questões que perpassam pela adolescência, agrega uma infinidade de dilemas, especialmente em um momento sócio histórico especialmente ambivalente. Tomando por base essa premissa, este trabalho observou as respostas comportamentais de 24 adolescentes de 14 a 17 anos durante uma ação educativa - Roda de Conversa - Educação para a saúde: Tabuleiro do Amor. O grupo foi dividido em dois subgrupos, cada um tendo 12 jovens. A divisão dos subgrupos ocorreu espontaneamente, gerando dois pequenos grupos, um com maioria masculina e outro feminina (em média 8 para 3). A ação propôs realizar uma discussão sobre sexualidade, gênero, gravidez, Dsts com um subgrupo, enquanto o outro participava de um jogo sobre os mesmos temas, trocando os grupos após 90 minutos. O primeiro subgrupo, maioria de meninos, apresentou desmotivação as atividades propostas em ambas as perspectivas e o segundo subgrupo mostrou-se bastante motivado em ambas as ações. As observações do aspecto motivacional diferenciado entre os grupos abriram prerrogativas de respostas diferentes à educação sexual a partir do gênero. Hipóteses foram suscitadas; o sexo dos facilitadores, maioria feminina, maior maturação das meninas e respostas tradicionais masculinas, machistas, em que os homens são possuidores de conhecimento sobre sexo, sendo um vulnerabilizador da sua masculinidade a expressão de alguma fragilidade. Esses dados apontam a necessidade de mais investimento em processos de educação sexual para essa parcela da

sociedade.

**PALAVRAS CHAVE:** Sexualidade, gênero, educação sexual e adolescência

## ABSTRACT

Sexual behavior is one of the most complex aspects of the human condition, if it is associated with the issues that go through adolescence, it adds a multitude of dilemmas, especially in a particularly ambivalent historical moment. Based on this premise, this study observed the behavioral responses of 24 adolescents between 14 and 17 years of age during an educational action - Roda de Conversa - Health Education: Tabuleiro do Amor. The group was divided into two subgroups, each having 12 young people. The division of the subgroups occurred spontaneously, generating two small groups, one with male majority and another female (on average 8 to 3). The action proposed a discussion about sexuality, gender, pregnancy, sex with a subgroup, while the other participating in a game on the same subjects, changing the groups after 90 minutes. The first subgroup, a majority of boys, presented demotivation of the proposed activities in both perspectives and the second subgroup (more female) showed to be quite motivated in both actions. The observations of the differentiated motivational aspect between the groups opened the pressures of different responses to sex education from the gender. Hypotheses were highlighted; The sex of facilitators, female majority, higher maturation of girls and traditional male responses, sexist, in which men are possessed of knowledge about sex, being a vulnerabilizador of their masculinity the expression of some Fragility. These data indicate the need for greater investment in sexual education processes for these social subjects

**KEYWORDS:** sexuality, gender, sex education and adolescence

As discussões em torno do comportamento de homens e mulheres sempre suscitaram muitas ambivalências, e quando o tema está dirigido à sexualidade, mais acirradas ficam as dissonâncias. As teorias que discutem o comportamento de gênero verberam a força da influência da cultura na definição de respostas diferenciadas do comportamento masculino (ativo, dominador, competitivo) e o feminino (passivo, dependente e cooperativo).

Dando uma volta pela história, se torna perceptível as mudanças evidentes no comportamento feminino a partir da segunda metade do século XX, com o advento da descoberta de métodos contraceptivos químicos, essas mudanças foram sendo sedimentadas. Esse fato associado à inserção das mulheres no mercado de trabalho durante as duas grandes guerras promoveram a conhecida Revolução Sexual. (FONSECA; BORLOTI, 2016) Nas últimas décadas do século XX esses temas passaram a permear um reboiço nas relações sociais, emergindo uma infinidade de temáticas que envolvem o ser do feminino e do masculino.

Se o tema da sexualidade já é, por si só, bastante complexo, quando está associado à adolescência abre muitas frentes de discussão. Na adolescência há um transbordar de questões que remetem ao gênero, a formação da identidade, as questões com a imagem corporal e a busca pela autonomia, são fatores que podem causar dificuldades nas relações do sujeito, consigo mesmo e com o outro.

Tomando por base essa premissa, este trabalho observou as respostas comportamentais de adolescentes durante uma Ação de Educação Sexual - Roda de Conversa - Educação para a saúde: Tabuleiro do Amor. O projeto de extensão teve o objetivo de articular ludicidade e informação junto aos adolescentes como estratégias de prevenção a comportamentos sexuais vulneráveis e relações de gênero.

## GÊNERO E SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Todo estudo que tenha como objeto o comportamento sexual, em especial na adolescência, tem que considerar a variedade e a complexidade de temas que os envolvem: desenvolvimento biossocial e afetivo, família, educação, saúde, comunidade verbal, cultura, política pública, só para citar os mais evidentes (FONSECA, 2017). Apesar de o comportamento sexual ser inerente aos seres reprodutivos, e

## INTRODUÇÃO

01 - Bacharel em Saúde e graduanda de Medicina na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Email: alanasnt@hotmail.com

02 Professora Adjunto IV da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), doutora em Psicologia pela UFES e mestra em Educação pela UFBA. Email: analbfonseca@ufrb.edu.br

03 Psicóloga pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Email: janaiarasc26@mail.com

04 Graduanda de Medicina na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Email: luanasoares8198@gmail.com

05 Graduanda de Medicina na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Email: tainalima@gmail.com

está relacionado diretamente à maturação biológica, nos humanos apresenta uma gama de nuances que o diferenciam dos demais animais, estando sob maior influência do contexto sócio cultural do que de aspectos fisiológicos.

Os fatores biológicos são os responsáveis pela manutenção do comportamento sexual, (FONSECA, 2011), contudo, no caso dos humanos, essa filogênese é moldada pelos padrões socioculturais selecionados pela história de uma dada coletividade, envoltos em valores e normas de manifestação. (FONSECA; BORLOTI, 2016) Nesses contextos são definidos os papéis sociais dos seus integrantes, entre os quais estão os papéis sexuais, o que define o comportamento sexual dos gêneros, sejam esses, o feminino e o masculino.

A sociedade ocidental promoveu, ao longo da sua história, a seleção de padrões culturais bastante específicos para os gêneros, especialmente nos últimos três séculos. Esses padrões definem ao feminino a função de casar, procriar e cuidar dos integrantes da família, no restrito ao âmbito privado, submetido ao masculino que teria a função de prover e proteger, no âmbito público. Ao estabelecer os papéis sociais, dita os espaços físicos, sociais e psíquicos destinados a cada gênero, assim como as relações estabelecidas dentro do próprio gênero e desses para com o outro. As mulheres destinam-se ao lar, contida, sem acessar conhecimento, dependente e submetida à espera de proventos para si e sua prole e ao homem a rua, circulação, conhecimento e auto sustentação, autonomia. (FONSECA, 2017)

Os papéis sociais destinados a cada gênero

define diretamente o comportamento sexual, em que os homens, tradicionalmente, são estimulados a exercerem sua sexualidade livremente e as mulheres, são conduzidas para uma sexualidade controlada, para fins reprodutivos no exercício do matrimônio e da maternidade. Fonseca (2011, p.186) traz que

Os sujeitos são modelados por contingências de sobrevivência e também, diretamente, pela comunidade cultural, cujos membros tanto servem de modelo para esses comportamentos quanto reforçam os comportamentos verbais que os acompanham, em especial as crenças, as atitudes, as representações, etc. relacionadas ao papel social feminino.

O comportamento sexual feminino, como Dadoorian (2003); Fonseca (2011); Fonseca (2014) destacam a reprodução nos padrões tradicionais e, ainda hoje, repassado no comportamento verbal das comunidades, a função materna como inerente a condição feminina e a função provedora a condição masculina. Esses padrões de comportamentos são mantidos e controlados por respostas verbais reforçadoras a sua emissão e punitiva as respostas que escapem a norma historicamente estabelecida.

Os estudos de Fonseca e Borloti (2016) Fonseca (2011), Esteves et al (2009), descrevem respostas femininas dirigidas a escolarização e profissionalização das mulheres, num ensaio a mudanças sociais dirigidas ao gênero feminino, resultado dos movimentos sociais das últimas

quatro décadas do século XX. Como dito antes, os movimentos sociais na Europa, no pós Guerra, germinaram sementes que inspiram reações de resistência à cultura de gênero herdada das vilas medievais, pulverizadas em diversas partes do mundo.

Nos anos 50, do século XX, com o final do conflito mais destrutivo do ocidente, havia um novo cenário na sociedade, incluindo o fortalecimento de ideais de igualdade social, entre os quais, de gênero, que tomou mais força com o surgimento dos anticoncepcionais. (FONSECA, 2017) As mulheres somaram força aos movimentos sociais e reivindicaram relações igualitárias entre sexos em todas as instâncias da sociedade, especialmente na família e no trabalho.

Apesar de haver se passado mais de meio século, esses ideais de igualdade de gênero parecem mudar raquíticas em alguns grupos sociais, especialmente nas comunidades distantes dos centros urbanos e sem acesso a serviços educacionais e de saúde. Isso é notório, já que o comportamento é moldado no processo sócio histórico desses contextos que continuam sob controle das mesmas contingências de gerações passadas, e sem acesso a outros modelos de comportamento, sendo bastante lento a injeção de novos padrões de respostas.

E, mesmo nos contextos mais urbanos, há uma sociedade ambígua e flutuante em relação aos padrões de comportamento sexual, de gênero, mesmo quando se refere aos grupos jovens que aparentemente tem acesso às informações midiáticas; contraceptivos e educação formal. Fonseca (2014) relata que a maternida-



de continua sendo a função social mais importante entre as jovens adultas de três municípios do nordeste brasileiro. Nesse contexto as moças enfatizam a importância da escolarização e profissionalização para depois constituir o matrimônio e a maternidade, e assim, “contribuir” para a formação da família, mas a maternidade tem função primordial nos seus projetos de vida. Outro estudo apresenta no comportamento verbal das adolescentes do sertão da Bahia e Pernambuco a impossibilidade biológica de procriar como uma ameaça à realização feminina, com o fracasso do matrimônio e a frustração da mulher. (FONSECA; BORLOTI, 2016)

Os estudos sobre as respostas sexuais masculinas são escassas, mas os dados de gravidez adolescente e pais adolescentes que não respondem por seus filhos e os índices crescentes das DSTs em adolescentes denunciam o comportamento sexual desprovido de proteção. Fato que prescreve a disseminação de respostas sexuais tradicionais.

O que chama atenção às respostas tradicionais desses jovens é a expectativa de que o jovem perambule por outras crenças e valores, recriando novos padrões de respostas as práticas tradicionais, na perspectiva de remodelar a sociedade. Pesquisas como de Ferreira; Farias e Silveiras (2003) com foco na reordenação de valores, de Domingues e Alvarenga (2007) que descrevem a função dos pares na constituição da identidade e de Costa et al (2001) que explicita a organização do comportamento sexual endossam paradigma dos jovens reconstruindo os padrões de respostas de seu grupo social.

Entretanto, os estudos que englobam a gravidez adolescente (FIGUEIREDO, 2006, FONSECA; ARAÚJO, 2004, FONSECA; BORLOTI, 2016) afirmam que os jovens reproduzem os padrões de respostas da comunidade verbal de origem quanto ao gênero e sexualidade, tanto para os papéis sociais quanto sexuais e reprodutivos. Esses aspectos também atravessam temas como a homossexualidade e as práticas preventivas em relação as DSTs, os direitos reprodutivos e igualdades sociais.

Teixeira e Fonseca (2016) descrevem comportamentos efetivamente discriminatórios dos adolescentes diante da perspectiva de pares homossexuais, sejam do sexo feminino ou masculino, enfatizam, inclusive, reações agressivas por parte das meninas diante da homossexualidade feminina. As respostas tradicionais parecem enraizadas nos jovens de modo a reproduzirem padrões tradicionais as variadas questões que envolvem a sexualidade.

Os rapazes permanecem sendo estimulados a exercerem indiscriminada e precocemente a vida sexual, mostrando assim sua virilidade, enquanto a moça é estimulada a viver distante

da vida sexual até que constituía matrimônio. (CAVASIN; ARRUDA, 2009) Esse perfil de resposta emerge com mais força quando a perspectiva de inserir temas como sexualidade, gênero, homossexualidade, gravidez e DSTs na pauta da educação formal parece ameaçadora e promove o afastamento de jovens, famílias e escola das discussões em torno dessas questões.

Inter cruzar temas complexos como gênero, sexualidade e adolescência em um projeto educacional é desafiador, não só por já serem recheados de especificidades, mas, principalmente por desnudar fenômenos permeados de tabus e preconceitos. A adolescência vislumbra a presença de conflitos, a busca de identidade, associada a maturação física e psíquica. Esse universo é percebido como ameaçador aos padrões tradicionais, tendo em vista que os jovens constituem-se como sujeitos a partir da construção de espaços sociais deslocados dos espaços familiares. (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004)

As pesquisas têm evidenciado a força das ações educativas junto aos jovens e seus familiares para a construção de novos padrões de resposta, pois, embora em contato com outros valores, há uma pressão social que o mantém colado às práticas tradicionais. Como dito acima, a produção de estudos com foco em respostas sexuais masculinas são poucas, e com foco na homossexualidade, prescreve a visão da homossexualidade como ameaça, fixado por preceitos religiosos e padrões morais que perpetuam o cumprimento dos papéis de gênero masculino e feminino, a homossexualidade é um atravessamento a condição “natural”. (MOTT, 2006; SILVA et al, 2015)

Como afirmam Teixeira e Fonseca (2016, p. 331) “ao expressar os primeiros sinais de desejo sexual por alguém, o adolescente está submetido ao que é definido como adequado ao grupo social, em especial, seus iguais;”, e reforçados pelos contextos familiares e educacionais, já que as escolas, como os demais espaços, tem muita dificuldade de colocar o tema da sexualidade e gênero na pauta de discussão dos jovens e suas famílias.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS

Participaram dessa ação 24 adolescentes cursando o nono ano do Ensino Fundamental II de uma escola municipal de uma cidade de médio porte do interior da Bahia. Esses adolescentes tinham idade entre 14 e 17 anos. Participaram também dois professores da escola municipal, dois estudantes de Medicina, seis estudantes de Psicologia e um professor de Psicologia (coordenador da ação). Os instrumentos utilizados nas atividades foram produzidos pe-

los estudantes e a coordenação.

A escola convidou o Núcleo de Pesquisa Comportamento, Desenvolvimento e Cultura (NCDC) para realizar “palestra” sobre Educação Sexual na escola e a coordenadora propôs agregar os adolescentes ao Projeto “Tabuleiro do amor”, cujo objetivo é articular conhecimentos sobre sexualidade e gênero com atividades lúdicas. A direção lançou a proposta aos familiares dos adolescentes e definiu o cronograma da ação na universidade em uma manhã de sábado.

Os adolescentes e dois professores foram trazidos para a universidade, onde foram recepcionados por estudantes de Medicina e Psicologia e a coordenadora do projeto. Ao chegarem à universidade, o grupo de adolescentes foi dividido aleatoriamente em dois subgrupos, G1 e G2, composto por 12 cada e um professor da escola, G1 estava com maioria masculina (8 para 4) e um professor e G2 com maioria feminina e uma professora (9 para 3).

O G1 foi encaminhado à sala de Dinâmica de Grupo do Serviço de Psicologia, onde ocorreu a Atividade 1 (A1) – Roda de Conversa: Conversando sobre sexo por 90 minutos e o G2 foi encaminhado ao Auditório da universidade, onde a Atividade 2 (A2) – Jogo Tabuleiro do Amor foi desenvolvida por 90 minutos. Em todas as atividades havia dois observadores registrando as respostas verbais e não verbais dos participantes, para tanto estabeleceram códigos relativos aos adolescentes (AF1 = adolescente feminino 1, AM1 = adolescente masculino 1, F1 = facilitador 1, P1 = professor 1, C = Coordenador).

A sala de Dinâmica de Grupo estava organizada com almofadas espalhadas pelo chão e dois birôs, onde estavam expostos os protótipos sexuais femininos e masculinos. O Auditório estava com algumas cadeiras empilhadas e algumas cadeiras organizadas em círculo próximo as paredes. O jogo foi preparado em quadros de E.V.A. coloridos, colados no chão em forma de caracol. Os quadros estavam numerados e com orientações dirigidas aos cartões de perguntas, respostas e instruções de prêmios e “prendas”.

Ao final dos 90 minutos foi oferecido um lanche no saguão do Serviço de Psicologia e, em seguida a troca dos grupos G1 para A2 e G2 para G1 por mais 90 minutos. Os adolescentes e estudantes foram categorizados por estudantes observadores que registraram as respostas verbais e não verbais dos participantes nos quatro tempos das atividades. O registro das observações ocorreu a partir de uma codificação dos facilitadores, adolescentes e os comportamentos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A1 foi organizada em dois tempos. O

primeiro tempo foi apresentado, por duas estudantes do sexo feminino, conhecimentos referentes aos aparelhos reprodutores femininos e masculinos, com a manipulação de protótipos do aparelho sexual de ambos os sexos, com explanação sobre a anatomia, funções e DSTs por cerca de 30 minutos. Nesse primeiro momento, G1, em sua maioria, apresentou respostas de esquivar, inércia, parecia pouco reforçado a interagir, não aparentavam motivados. Os integrantes conversavam entre si, e poucos participaram da apresentação dos protótipos, seja com perguntas ou observações. Dois meninos e uma menina sentaram nas almofadas logo de início, os demais se apoiaram na parede, formando um semicírculo. Uma das meninas e o menino, os que sentaram nas almofadas, se aproximaram dos protótipos ao serem convidados e ouviram a explanação mais proximamente. Essa menina fez umas duas perguntas sobre a anatomia feminina. Os demais não fizeram perguntas, somente ouviam as explicações, comentavam (sussurravam) com o par mais próximo e respondiam monossilabicamente as questões lançadas pelas facilitadoras.

No segundo tempo foi proposta a formação da roda de conversa sobre os temas dirigidos a sexualidade e gênero, momento em que todos foram convidados a sentar nas almofadas. Ao sentarem nas almofadas, as facilitadoras disponibilizaram aos adolescentes uma caixa com tampa, papéis cortados e canetas e orientaram a escreverem dúvidas, curiosidades e afirmativas que sentissem dificuldades em expor verbalmente e inserissem na caixa para pôster leitura e debate.

Ao serem convidados a sentar nas almofadas, a escrever questões e colocar na caixa, alguns meninos conversaram entre si, riam e sussurravam enquanto escreviam, assim criaram algumas perguntas e colocaram na caixa. Cada um escreveu em média duas perguntas e circularam a caixa, na qual depositaram os papéis dobrados. A caixa chegou às mãos das facilitadoras e essas passaram a retirar os papéis e ler as perguntas e debater com o grupo, estimulando-o a participar. As perguntas giraram em torno do comportamento sexual, DSTs e gravidez, como: A mulher pode engravidar na primeira relação?, A pílula do dia é eficaz?, Quando o homem deve começar a ter relações?, Quando a mulher deve ter relações?, Porque a "camisinha" fura?, Porque sangra na primeira "transa"?, Porque o "pinto" fica duro?, HIV tem cura?,

Diante das respostas das facilitadoras alguns emitiam risos e brincadeiras, apontavam quem podia tê-la escrito, mas poucos comentavam ou faziam outras perguntas. Nesse grupo as meninas estavam em um canto e in-

teragiam entre si, riam e os meninos olhavam para elas e riam. A atividade foi concluída antes do tempo previsto, apesar das facilitadoras tentarem motivar o grupo a participar.

Paralelamente, no Auditório, estava ocorrendo o jogo: tabuleiro do amor com G2. Ao entrarem no Auditório os adolescentes sentaram nas cadeiras e ouviram os facilitadores, um do sexo masculino e uma do sexo feminino, explanarem sobre o jogo, seus objetivos (responder perguntas dirigidas a sexualidade e gênero) e regras (jogar o dado, andar o número de casas do dado, ler as orientações da casa correspondente dirigida as cartas de perguntas, acerto lança o dado novamente, erro passa a vez para o outro grupo ou paga uma "prenda"). G2 foi subdividido em quatro equipes de três adolescentes, que foram orientadas a escolherem um dos integrantes para ser o "PINO" do jogo. Cada um dos pinos vestiu um colete com cores que representaria seu grupo (EV = Equipe vermelha, EV = Equipe verde, EA = Equipe amarela e ER = Equipe rosa) e os outros componentes ajudariam nas respostas.

Os pinos foram todos do sexo feminino e o ER foi somente composto de meninas. Os pinos ficaram em pé para lançar o dado para tirar maior número e definir a ordem para iniciar o jogo. Ao iniciar a maioria do G2 estava em pé em torno do tabuleiro e participou ativamente, torcendo, gritando, se movimentando pela sala. Ao final foi entregue os prêmios aos vencedores. O tempo proposto foi estendido em alguns minutos.

No intervalo todos participaram de um lanche no hall do Serviço de Psicologia e ao final foi feito o rodízio. G1 foi encaminhado ao Auditório e G2 foi para a Sala de Dinâmica de Grupo. As atividades propostas foram repetidas e realizadas pelas mesmas pessoas como facilitadoras e observadoras, assim como os professores continuaram acompanhando o grupo inicial e sem participar das atividades, só estando presente.

G2 teve uma dinâmica bastante diferente de G1 na sala de Dinâmica de Grupo. Desde o primeiro momento, apenas dois meninos se mantiveram afastados, os demais se aproximaram do protótipo dos aparelhos reprodutores, questionavam, conversavam entre si, enquanto os meninos se mantinham alheios ao processo, interagiam somente entre eles. A exposição passou dos 45 minutos e quando foram convidados a sentar nas almofadas e foram instruídas a escrever perguntas e colocar na caixa, as meninas pareciam reforçadas, motivadas, e escreveram em média três perguntas, de uma diversidade grande: desde as comuns descritas por G1, até questões sobre homossexualidade, como: Qual a diferença entre homos-

sexual e transgênero?, Mulheres homossexuais perdem a virgindade durante o sexo?, A mulher gay pode ter filho?. Durante o debate estavam bastante atentos e faziam outras questões e afirmativas. O fluxo do segundo grupo foi muito mobilizador e as perguntas ultrapassaram aquelas disponibilizadas na caixa.

No Auditório G1 foi apresentado ao jogo, seus objetivos e regras, após foram solicitados a se dividirem em equipes de três componentes e escolherem um "PINO". A ER foi composta por duas meninas e um menino. As equipes tiveram resistência na definição dos pinos, dois foram do sexo feminino e, durante o jogo esses pinos foram, praticamente, os únicos que estavam circulando na sala, os integrantes das equipes permaneceram sentados nas cadeiras. Os integrantes das equipes eram, a todo o momento, orientados, pelos facilitadores, a colaborar com os pinos na construção das respostas. Embora, a equipe que avançou mais rápido tenha demonstrado, ao final, um aumento na motivação, o processo foi bastante desmotivado a maioria.

Embora os facilitadores não tivessem, no momento da ação, compartilhado suas impressões, já havia a percepção de mudança nos comportamentos emitidos entre os integrantes dos dois grupos. Ao sentarem para partilhar a experiência vivenciada, expor limites, relatar dificuldades e exaltar os avanços, o núcleo foi unânime em descrever as diferenças entre G1 e G2. As observações, a partir dos registros das observadoras e também da percepção dos facilitadores levaram a identificar que G1 era majoritariamente masculino e G2 era majoritariamente feminino.

As discussões abriram precedentes dirigidos aos comportamentos de gênero, em que os homens não somente são estimulados a prática sexual desde a adolescência. Eles são estimulados a demonstrarem poder e força, através, inclusive, do conhecimento sobre as atividades sexuais, podendo ser considerado "frágil" a demonstração de desconhecimento, que pode levar os presentes a ideia de ausência de atividade sexual. (TEIXEIRA; FONSECA, 2016) Outro ponto destacado descreve que respostas sexuais tradicionais podem descolar o masculino do comportamento preventivo, seja da gravidez, seja das DSTs. (FONSECA; BORLOTI, 2016)

Na contramão do processo, as garotas podem estar denunciando um maior empoderamento do gênero feminino, atentas a questões que perpassam as atividades sexuais, sua proteção, a escolha sexual e parceiros, num aparato de sede de saber para se fortalecer. Essas questões trazem a pauta questões ambíguas ainda em torno dos papéis sexuais e funções sociais do feminino e masculino. (FONSECA, 2014)

### Considerações Finais

Com todas as limitações inerentes ao processo educativo, especialmente dirigido à reconstrução de comportamentos sexuais e de gênero, ações, como a descrita acima, de cunho educativo preventivo continuam sendo a estratégia mais efetiva de promoção de mudanças em padrões de respostas. Quando o tema envolve a sexualidade e adolescência, torna-se mais evidente e urgente apresentar contingências reforçadoras aos comportamentos sexuais adequados não só ao declínio do risco de transmissão das DSTs-AIDS e gravidez indesejada, assim como promover em paralelo a avaliação dos impactos sobre a vida dos jovens, da família, sua comunidade e sociedade, tornam-se imprescindíveis.

A sexualidade é inerente a todos os humanos, porém, as suas formas de expressão são tão amplas quanto o são os seres, permeados de fatores biológicos, sociais, históricos, psíquicos, e quando circundada pela adolescência, é muitas vezes indecifrável. Isso porque a adolescência também acopla uma infinidade de fatores, desde as transformações físicas e psíquicas como a auto imagem, construção da autonomia, que geram conflitos dos sujeitos consigo mesmo e com o contexto. (FONSECA, 2014; COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004)

Essa ação pode estar denunciando algo em torno da ambivalência da expressão da sexualidade dentro de um contexto em que a amplitude de comportamentos não restringe a determinação da anatomia sexual. Enquanto as garotas parecem se dirigir com maior intensidade as novas possibilidades, com avanço nos direitos às mulheres, os garotos podem estar mais inseguros, sentindo a ameaça da instabilidade que o cercam.

Esses fatores podem gerar muitas tensões entre os sexos, tanto nas abordagens sociais quanto afetivas/amorosas. Abre-se o precedente de afirmar o inevitável fortalecimento das políticas públicas de educação sexual em escolas e unidades de saúde, com espaços de diálogos e debates que reinstale uma ordem social mais ampliada em torno da sexualidade.

Fonseca (2017) define que depois da família, a escola e, atualmente, o sistema de saúde são instancias formadoras do sujeito, tanto como aparato de suporte como educativo a perspectiva de atenção integral aos sujeitos, incluindo a construção de comportamentos mais adaptativos, salubres e socializadores. Nesse contexto, é percebido por essa ação a força na construção de comportamentos autônomos femininos, porém a manutenção de comportamentos tradicionais masculinos.

Assim, associado aos fatores que estão em torno dos comportamentos sexuais, entre os quais, as questões de gênero, que passam por políticas públicas de equiparação de direitos para todos os cidadãos. Adentrar as instancias educacionais com temas dessa ordem abre a perspectiva de encontrar terreno fértil a amplitude do debate, embora seja inevitável se esbarrar em respostas de resistência e reprodução da ordem vigente.

O projeto proposto percebeu que os estudos que entrelaçam a educação de jovens para o exercício da sexualidade e construção de relações de gênero mais equilibradas são escassos, assim a perspectiva de criar estratégias socioeducativas com vistas ao declínio dos números de gestação e DSTs ainda são prementes. Os resultados mostraram a necessidade de construir hipóteses reflexivas sobre os entraves da educação sexual para jovens, como; o sexo dos facilitadores e observadores, feminino, foi um estímulo discriminativo aversivo aos meninos e reforçador as meninas, os meninos tem menor maturação sexual que as meninas, e por isso ainda não apresentam respostas de aproximação ao tema, e/ou os meninos apresentam respostas tradicionais masculinas, machistas, em que os homens são possuidores de conhecimento sobre sexo, sendo um vulnerabilizador da sua masculinidade a expressão de alguma fragilidade. Esses dados apontam a necessidade de mais investimento em processos de educação sexual para essa parcela da sociedade.

Esses resultados abrem algumas prerrogativas de respostas diferentes à educação sexual a partir do gênero. Cavasin e Arruda

(2009) afirmam que os garotos ainda são educados para atividade sexual viril, destinando as garotas a práticas sexuais mais retraídas. Porém, os dados aqui deslocam esse aspecto do comportamento sexual das meninas, que se mostram interessadas e dispostas ao exercício sexual com prevenção. Nesse contexto, considera que a variável, sexo dos facilitadores, interferiu nas respostas dos sujeitos, abre o precedente de que há discriminação entre os gêneros para o efetivo efeito da educação sexual dirigida aos jovens, quiza, aos sujeitos adultos.

A complexidade da discussão é ampla e define a imprescindível urgência em colocar gênero, sexualidade e adolescência nas políticas educacionais do país, com a seriedade e objetividade desse desafio. A ordem é retomar todas as nuances em torno e dentro das questões da sexualidade, iniciando ações que quebrem os preconceitos e tabus que os envolvem.

E a juventude, segundo Coll; Marchesi; Palacios (2004) esta mais propensa a construção de novas respostas, pela reformulação de novos padrões de respostas sociais, deslocados do proposto pelas famílias e comunidade. Os adolescentes em questão podem ter tornado visível a discrepância entre as mudanças de respostas sexuais das mulheres em detrimento as limitações que perpetuam as respostas masculinas, fatores que podem ser os responsáveis pela violência contra as mulheres, tão evidenciadas na atualidade. Hipótese seria: os homens estão respondendo com violência o empoderamento feminino, e diante de um não, ou similar, agrirem.

Ações educativas, espaços de debate tem contribuído fortemente na reconstrução de comportamentos sociais, deslocando do universo tradicional e readaptando as novas exigências da sociedade. A ação aqui apresentada é uma semente a germinar para outros movimentos dentro e fora da escola, lançando esses jovens a refletirem sobre seus comportamentos e dos em torno.

### Referência Bibliográfica

- CAVASIN S.; ARRUDA, S. Gravidez na Adolescência: Desejo ou Subversão? Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECO's), Boletim n. 2, 2009
- COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. Desenvolvimento Psicológico e educação: psicologia da educação escolar. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- COSTA, M. C. O., LOPES, C. P. A., SOUZA, R. P.; PATEL, B. N. Sexualidade na Adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *Journal de Pediatria*, 2001, 77, Supl.2. Recuperado em 21 de Abril de 2012: <http://xa.yimg.com/kg/groups/24183809/1088503755/name/port-4.pdf>
- DADOORIAN, D. Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia: Ciência e Profissão*. (Online) 21(3), 2003, p. 84-91.
- DOMINGUES, C. M. A. S.; ALVARENGA, A. T. Identidade e Sexualidade no Discurso Adolescente. *Rev. Bras. Cres. Desenv. Humano*. São Paulo, 1997, 7 (2). Recuperado em 20 de Abril de 2012:
- FERREIRA, T., FARIAS, M., SILVARES, E. (2003). A construção da Identidade em Adolescentes: Um estudo explanatório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115. Recuperado em 15 de Abril de 2012:
- FONSECA, A. L. B. da. Conversando sobre sexo: rede de formação do comportamento sexual do adolescente. In: *Sexualidade e Saúde: Perspectivas para o cuidado ampliado*. Claudia Feio Lima, Anderson Reis e Fran Demétrio (Orgs). Rio de Janeiro: Bonecker Acadêmico. 2017, p. 261-276.
- FONSECA, A. L. B. da. Comportamento verbal dirigido a maternidade para jovens do nordeste brasileiro. In: *Comportamento, Desenvolvimento e Cultura*. Ana Lucia Barreto da Fonseca (Org). Curitiba/PR: CRV, 2014, p. 141-162.
- FONSECA, A. L. B. da. Gravidez, maternidade e análise comportamental da cultura: crenças e atitudes em práticas culturais de agentes comunitárias de saúde e adolescentes grávidas do sertão do Brasil. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFES, 2011.
- FONSECA, A. L. B. da; ARAÚJO, N. G. de. Maternidade precoce: uma das consequências do abandono escolar e do desemprego. *Rev. Bras. De Cresc. e Desenvolvimento Humano*. São Paulo; 2004, 14 (2), p. 16-22.
- FONSECA, A. L. B. da; BORLOTI, E. B. Comportamento verbal de agentes comunitários de saúde sobre a maternidade adolescente. In: *Psicologia e suas interfaces: estudos interdis-*